

ABRINDO A RODA

Rosemberg Ferracini¹
rosemberg.ferracini@uftm.edu.br

Agradecemos a parceria entre os alunos e alunas, professores e professoras, aos mestres e mestras da cultura popular e aos editores Alexandre Luís Ponce Martins, UEM e Márcio Roberto Ghizzo, UTFPR, obrigado!

Os textos reunidos nesta obra têm origem em uma disciplina eletiva oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGE-UFTM), intitulada *Interculturalidade e Educação Popular: saberes afro-ameríndios decoloniais*, ministrada no segundo semestre de 2024.

No decorrer da disciplina, as agendas foram muitas, entre atividades lúdicas, leituras de livros, contextualizações diversas debates calorosos e discordâncias construtivas. Contudo, nem por isso deixamos de seguir juntos. Alguns mais fortes, outros cansados, e alguns caminhando com o apoio dos colegas. Essa foi a meta: companheirismo, parceria e aprendizado nos diferentes caminhos. A proposta do curso era compreender a extensão universitária popular e a formação de coletivos educadores, em articulação com lideranças de matrizes culturais negras e indígenas. Buscamos, a partir dessa interação, promover estudos e discussões sobre os processos educativos que emergem dos territórios e das identidades culturais, valorizando as experiências formativas que se originam em cenários diversos e plurais.

¹ Professor Doutor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Professor na disciplina “Interculturalidade e Educação Popular: saberes afro-ameríndios decoloniais” oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGE-UFTM).

As reflexões aqui presentes trazem uma união, ainda que com certa contradição. As autoras e autores, com suas mestras e mestres, trazem a interculturalidade crítica como constituinte de um eixo teórico e metodológico central, orientado por pesquisas que envolvem o conhecimento científico em contextos educativos pluriétnicos e multiculturais. Chamamos de mestras e mestres por serem considerados orientadores, mentores, guardadores dos saberes que compreendem os múltiplos sentidos da cultura negra e indígena seja na capoeira angola, no congado, nos terreiros ou comunidades indígenas.

Assim foi construída, aula a aula, texto a texto, em conjunto mesmo com algumas diferenças. Uma proposta teórica e metodológica que está fundamentada nos aportes epistemológicos dos estudos pós-coloniais, decoloniais e da educação intercultural, articulando-se a aspectos teóricos e práticos da educação popular. A abordagem conjunta possibilitou discutir a educação das relações étnico-raciais, incorporando metodologias colaborativas de pesquisa – como a investigação-ação-participante – que favorecem a construção coletiva do conhecimento.

No decorrer dos textos o leitor perceberá que os objetivos no campo do ensino e do aprendizado foi promover aproximação da universidade com a comunidade. Aqui fica denominada de extensão universitária popular na busca de um coletivo educador. Coletivo!!! Coletivo sempre coletivo, envolvendo lideranças de matrizes culturais negras e indígenas, bem como professores universitários, em uma proposta de formação intercultural no âmbito da pós-graduação. Isso, de certa forma, está ligado às nossas vidas; às nossas maneiras de olhar o mundo. Naturalmente, temos diferenças, mas nem por isso nos abandonamos. Exercitamos, ouvimos, trocamos mensagens e buscamos aprofundar o campo da pesquisa em Educação Intercultural, especialmente no contexto das licenciaturas *versus* formação de professores. Professoras e professores, alunos e alunas, mestres e mestras uniram-se para analisar as implicações da reflexão sobre diversidade cultural e desigualdades raciais, em prol da valorização e difusão das manifestações culturais negras e indígenas. Para tanto, sentimos, pensamos e sintetizamos, em formato de textos aqui publicados, reflexões produzidas em materiais que buscam modestamente atender, por meio de propostas curriculares, às Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08. Fortalecemos, assim, o compromisso da universidade com a diversidade étnico-racial e cultural.

Sair dos muros universitários foi a nossa meta. Visitar os espaços de educação além da academia fez parte do processo. Um quartel de congada, um terreiro de candomblé, um espaço cultural de capoeira angola, entre outros. Foi e é um caminhar político. Na leitura dos artigos,

teremos, para além das especificidades, o debate de estudantes e professores na luta antirracista. Percebem-se anotações, vivências, leituras e conversas que foram fundamentais para quebrar o histórico das mentalidades patriarcais reestruturadas para além das nossas relações. Entre nossas bases, utilizamos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena. Com ela, problematizamos a construção de saberes coloniais racistas, as visões de mundo e a propagação de poderes entre os povos. Diante desses fatos, nossa meta foi trazer a reparação política, econômica e cultural para além da sala de aula, como política educacional que valorize os conhecimentos negados em forma de palavras. A reparação passou pela escala do corpo, dos instrumentos, dos toques, das plantas, da música, dança e muito diálogo. Assim, entre leituras, escritas e falas, buscamos reconhecer a diversidade e valorização do patrimônio histórico-cultural negro e indígena na aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para os saberes escolares e acadêmicos.

A escola, a universidade e a roda da vida foram focos de debates e propostas para alimentarmos novos saberes que valorizassem o histórico-cultural negro e indígena. É preciso frisar que tais mestres e mestras são homens e mulheres negros e indígenas que carregam saberes ancestrais negados pela sociedade e pela dita ciência moderna. A roda da vida reconhece as relações de saberes, reeducando para as relações étnico-raciais, discutindo aprendizagens e possibilidades entre brancos e negros, homens e mulheres, crianças e adultos que pensam, falam e escrevem sobre qual ensino queremos construir.

As falas dos mestres e mestras manifestam a compreensão e a interpretação na perspectiva de dentro, do lugar de fala, exemplificando diferentes formas de expressão e de organização de raciocínios e pensamentos de raiz da cultura africana. As vivências trazem a público as vozes da cultura popular, em diálogo com a universidade e com os estudantes. O exercício foi buscar uma formação para o combate à discriminação e ao racismo, fortalecendo os fundamentos locais e valorizando a oralidade, a corporeidade e a arte como possibilidades de aprendizagem além dos espaços formais.

A disciplina buscou combater as desigualdades raciais para aqueles que ainda são vistos como marginalizados na sociedade. Romper os estereótipos das palavras e das cores, do exótico da arte e da erotização dos corpos era mais do que necessário: foi fundamental. Assim, a disciplina atuou como uma política reparatória de combate ao culto ao corpo e à violência perversa que atua silenciosa nos novos discursos em prol da natureza. Procuramos, nessa

atividade de ensino, reconhecer a valorização da história e da cultura dos povos negros e indígenas como fundamental para pensar as ações afirmativas presentes nas escolas e universidades. O Dossiê está intitulado Interculturalidade e Educação Popular: possibilidades didáticas, com um conjunto de cinco trabalhos, cada qual uma proposta de ensino e aprendizagem.

No texto “Interculturalidade e Educação Antirracista: Um Encontro Decolonial no Terreiro Ááfin Osumare”, os autores e autoras exploram caminhos para romper com paradigmas eurocentrados no ensino, defendendo a inclusão de saberes afro-ameríndios historicamente excluídos dos currículos oficiais e invisibilizados nos materiais didáticos. O artigo também relata o significativo encontro com a mestra Iyá Bia D’Osumare, sacerdotisa do Candomblé em Uberaba (MG), cuja liderança promove uma educação intercultural e antirracista, inspirando reflexões profundas sobre identidade, ancestralidade e pertencimento.

No artigo “Ginga e Resistência: Do Som do Berimbau à Sonoridade da Sabedoria Ancestral da Capoeira Angola, Um Movimento Contra a Discriminação Institucional na Educação”, as autoras se deixam envolver pela teia de saberes do Mestre Aranha para adentrar o universo da Capoeira Angola. Reconhecido em Uberaba (MG) por sua dedicação em difundir os fundamentos dessa prática ancestral, o mestre inspira reflexões sobre o potencial da Capoeira Angola como instrumento de enfrentamento à discriminação institucional e de promoção da inclusão social. A vivência com seus fundamentos revela o desafio e a beleza de sentir a força da ginga, o ritmo do toque, a sabedoria dos cantos e a resistência ancestral que impulsiona a luta por equidade.

O leitor também encontrará o trabalho “Mestre e Discentes na Construção de Bionarrativas Sociais – Naiá e o Espelho: Uma História de Autoconhecimento”, que discute como a relação com mestres de cultura contribui para a compreensão e a construção de saberes populares na formação de pesquisadoras(es) e professoras(es) decoloniais. A opção estética do texto, que mescla prosa literária, oralidade, canções tradicionais e saberes populares, reforça a ética e a estética da pedagogia das encruzilhadas, valorizando os cruzamentos e hibridismos entre diferentes territórios epistêmicos.

No texto “Mar é Lugar de Gente Grande: (Sobre)Vivências de Quem Tem Asê”, a Congada é apresentada como prática pedagógica insurgente e decolonial, destacada por sua potência enquanto sistema de conhecimento, memória e espiritualidade negra. A partir das vivências do Terno de Congada do Penacho, em Uberaba (MG), a escrita propõe uma educação “marejada”, inspirada no movimento das águas como metáfora de uma pedagogia

fluida, viva e em constante travessia entre dor e cura, tradição e invenção, passado e futuro. Mais do que compreendê-la como conteúdo escolar, o texto defende o reconhecimento da Congada como força formadora integral, decolonial e popular.

Somando-se a esse movimento de fortalecimento coletivo, o texto “Afirmação da Identidade Étnico-Racial e Desenvolvimento Social: Relações Imbricadas” integra o conjunto de reflexões propondo um debate sobre classe, sexo, gênero e raça, sob inspiração do patrono da educação brasileira, Paulo Freire. O trabalho busca desconstruir o imaginário negativo que a sociedade perpetua em relação à população negra, reforçando a importância da afirmação identitária como caminho para o desenvolvimento social.

Neste caminhar lento – aos que permaneceram de mãos dadas e aos que se juntaram –, divulgar os referidos trabalhos nos meios escolar e acadêmico é também refletir sobre qual sociedade queremos construir na reeducação das relações entre negros e brancos, homens e mulheres, crianças e adultos. Trata-se de uma possível articulação que ultrapasse os processos educativos formais, envolvendo ações de políticas públicas e atuação do Estado, como fruto das reivindicações dos movimentos sociais nas relações de gênero, classe e raça. Um compromisso que não se limita às vaidades acadêmicas, mas que se estende à vida. Boa leitura aos que aventurarem. Oxalá que consigamos juntar forças para novas caminhadas e trabalhos em torno das mestras e mestres da cultura popular nos ensine a caminhar.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: MEC, 2004. Disponível em <https://editalequidaderacial.ceert.org.br/pdf/diretrizes.pdf> Acesso em 07 dez. 2025.

DE OLIVEIRA, Sandy Cristine Prata; FERRACINI, Rosemberg. "Corpo encapoeirado": mulheres angoleiras na prática da capoeira Angola. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 83, 2025. DOI: 10.12957/teias. 2025.85719. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/85719> Acesso em: 05 dez. 2025.

FERRACINI, Rosemberg. Escola pastiniana e escalas afirmativas: N'zinga abrigação de Capoeira Angola. *Geograficidade*, v. 8, n. esp., p. 188-203, 2018. Disponível em <https://www.periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/13163/pdf> Acesso em 05 dez 2025.